

Lula quer inquérito sobre CSN

Candidato promete punir reponsáveis pela morte de três operários na greve do ano passado

CÁSSIA CALDEIRA

VOLTA REDONDA — O candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, afirmou ontem em Volta Redonda (RJ) que, se eleito presidente da República, pedirá a reabertura do inquérito que apurou a morte dos três operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), no ano passado, durante a invasão da usina estatal por tropas do Exército e da Polícia Militar. “O juiz que autorizou o Exército a intervir na empresa, o general que comandou (as tropas) e duplamente a CSN têm de responder pelo que aconteceu”, afirmou o candidato, que colocou uma coroa de flores no Memorial Nove de Novembro, erguido em homenagem aos metalúrgicos mortos. Lula declarou que o povo e os partidos integrantes da Frente Brasil Popular (PT-PC do B-PSB) querem para o País um ministro da Defesa, e não seis ministros militares.

Lula chegou com atraso de duas horas a Volta Redonda. Pouco depois do meio-dia o avião bimotor pousava no aeroporto e o candidato era recebido por poucas pessoas. “Brasil, urgente, Lula presidente”, gritavam. Pouco antes de o Opala que levava Lula chegar à Praça Prefeito Juarez Antunes, um ônibus com militantes do PDT, de Duque de Caxias (RJ), tentou

estacionar na Rua 2, próximo da praça. O presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, Wagner Barcellos, ao perceber a presença de uma caravana de outro partido, advertiu pelo microfone do carro de som: “Isso é molecagem. Não vamos aceitar provocação. O Brizola vai nos apoiar no segundo turno”. Não se viu nenhum policial militar fardado, nem mesmo de trânsito, durante o comício.

Até mesmo o bispo de Volta Redonda, d. Waldir Calheiros de Novais, apareceu na praça para assistir ao comício, e logo se justificou: “Vim fazer uma homenagem”. O atual momento

do País, explicou o bispo, está entre o capital e o trabalho, e o cristão terá de escolher entre os melhores candidatos, que na prática tenham ficado ao lado do operariado. Segundo d. Waldir, esses candidatos são o próprio Lula, Roberto Freire, Leonel Brizola e Mário Covas.

Depois de colocar as flores no Memorial Nove de Novembro, Lula fez curto discurso e se desculpou com a multidão, que permanecia em silêncio absoluto, pelo tom baixo em que falava. “No nosso governo, as Forças Armadas nunca mais poderão se colocar contra os trabalhadores”, afirmou o candidato,

observando ao mesmo tempo ser necessário o respeito aos militares, desde que não interferam nos assuntos internos, por meio da doutrina de segurança nacional, e nos externos. Se eleito, prometeu Lula, as Forças Armadas terão seu papel limitado ao que prevê a Constituição.

O candidato fez questão de deixar claro que sua homenagem aos metalúrgicos mortos no confronto com o Exército não era uma provocação. “É um ato para o povo nunca esquecer a data, pois os fatos que ocorreram em Volta Redonda fazem parte da história da classe trabalhadora brasileira”, disse.

Às 13h40, Lula chegou em caravana a Barra Mansa e parou para rápido discurso de cinco minutos que não estava programado, mas já tinha palanque armado à espera. Lula afirmou para milhares de pessoas que o ouviam que o candidato do PDT, Leonel Brizola, acha que ele, Lula, não está preparado para governar. Lamentavelmente, disse o candidato do PT, Brizola faz parte da classe dominante, “que não está acostumada a ver o trabalhador brasileiro falando em palanque, mas montando o palanque”.

Na saída de Barra Mansa e de volta ao aeroporto, Lula foi acompanhado por uma caravana de carros de dez quilômetros de extensão (a Agência Estado mediu o cortejo no hodômetro do automóvel da reportagem). Esta foi a primeira vez que a equipe médica que acompanha o candidato petista no Estado do Rio embarcou junto com ele no avião, de propriedade do primo de um dos três médicos.



Epitácio Pessoa/AE

Lula homenageia mortos: para nunca esquecer a data